

PALAVRAS NA TRANSVERSALIDADE ESPIRALADA DA HISTÓRIA: (RE) ATUALIZAÇÕES DO FUNCIONAMENTO DICIONARÍSTICO EM UM DESBOLSONÁRIO, UM VLOGNÁRIO E UM FILMINÁRIO

Eduardo Alves Rodrigues¹

Carmen Agustini²

Luiza Castello Branco³

Resumo: Neste artigo, a partir da leitura de três objetos político-simbólicos – *Desbolsonário de bolso* de Holanda e Schuback (2019), *Vagabundo*, episódio do Greg News (2021), e *A bolsa ou a vida: qual futuro queremos construir?*, filme de Silvio Tendler (2021) – experimentamos a seguinte hipótese: como esses objetos (re)atualizam certo funcionamento característico do instrumento linguístico dicionário/glossário, a partir da montagem discursiva que, em cada um, instrumenta(liza) certo manejo de/com formas languageiras, produzindo, como efeito, a descrição e a instrumenta(liza)ção de relações entre palavras e sentidos, direcionando, dissimulando algo do processo de significação. Nesse funcionamento, o modo como a palavra faz laço no material analítico indicia a construção de relações discursivas que sustentam interpretações sobre a sociedade brasileira atual que se (im)põe à leitura.

Palavras-chave: Palavra. Instrumento tecnológico. Instrumento linguístico. Discurso. História das Ideias Linguísticas.

WORDS IN THE SPIRALED TRANSVERSALITY OF HISTORY: (RE)UPDATES OF THE DICTIONARISTIC FUNCTIONING IN A DEBOLSONÁRIO, A VLOGNÁRIO AND A FILMINÁRIO

Abstract: In this article, by reading three political-symbolic objects – *Desbolsonário de bolso* by Holanda and Schuback (2019), *Vagabundo*, an episode of Greg News (2021), and *A bolsa ou a vida: qual futuro queremos construir?*, a film by Silvio Tendler (2021) – we experimented with the following hypothesis: how these objects (re)update a certain functioning that is characteristic of the linguistic instrument dictionary/glossary on the basis of a discursive montage that, in each object, instruments/instrumentalizes a certain handling of/with language forms, producing, as an effect, the description and instrumentation/instrumentalization of relationships between words

1 Doutor em Linguística pela Unicamp. Docente e pesquisador, vice-líder do Grupo de Pesquisa e Estudos em Linguagem e Subjetividade (GELS/UFU/CNPq). eduardoar76@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6818-6647>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4265096924086049>.

2 Doutora em Linguística pela Unicamp. Docente e pesquisadora no Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, UFU. Líder do Grupo de Pesquisa e Estudos em Linguagem e Subjetividade (GELS/UFU/CNPq). carmen.agustini@ufu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5504-3911>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2810007575519305>.

3 Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Docente e pesquisadora no Grupo de Pesquisa e Estudos em Linguagem e Subjetividade (GELS/UFU/CNPq). luizakcb@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6749-5840>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8157900489167849>.

and meanings, directing, disguising something in the meaning process. In this functioning, the way the word makes a bond in the analytical material indicates the construction of discursive relations that support interpretations about the current Brazilian society that (im)poses itself as an object to reading.

Keywords: Technological instrument. Linguistic instrument. Discourse. History of Linguistic Ideas.

Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate...
(GONÇALVES DIAS, 1851)

Auroux (2009) formula teoricamente uma concepção marcadamente instrumental dos instrumentos linguísticos. Eles são tomados como “objetos técnicos” em sua função de ampliar a “competência linguística” do falante. Na articulação da História das Ideias Linguísticas com a Análise de Discurso, os instrumentos linguísticos, como objetos simbólicos, são considerados em seu funcionamento, que é também histórico e ideológico. (SILVA SOBRINHO, 2013, p. 312)

Vida e bolsa, uma questão social (im)posta à leitura

De nosso lugar de constituição teórica, como estudiosos da linguagem, praticamos a História das Ideias Linguísticas (AUROUX, 1989) a partir dos fundamentos teórico-metodológicos da Análise de Discurso, fundada por Michel Pêcheux (1938-1983), na França, no fim da década de 1960, e singularizada, no Brasil, a partir do trabalho fundador de Eni Orlandi, desde a década de 1970. Nessa prática, nos interessa compreender o jogo da linguagem relativamente aos processos de textualização política do sentido, por meio dos quais o como uma sociedade/realidade pode ou deve se dizer, pode ou deve ser dita, se nos apresenta, de maneiras variadas, como objeto a ser lido. Ao nos propormos a analisar esses processos, perscrutamos como língua e linguagem, ao funcionarem

histórica e ideologicamente, constituem dada sociedade/realidade, dizendo-a, significando-a; e, da mesma maneira, como língua e linguagem são nela significadas.

É desse ponto de vista que produzimos uma experimentação em História das Ideias Linguísticas, fundamentada na análise das montagens discursivas que estruturam o funcionamento discursivo de três objetos político-simbólicos, a saber: o Desbolsão de bolso, de Luisa Buarque de Holanda e Marcia Sá Cavalcante Schuback (2019), que, segundo as autoras, é um dicionário/glossário que busca “desfazer a confusão dos sentidos” diante de “termos e significados forjados tão repentinamente em bocas, cabeças, mídias, redes e meios de comunicação contemporâneos” durante a campanha presidencial de 2018; o episódio Vagabundo, do talk show Greg News, da HBO Brasil, apresentado por Gregório Duvivier, em 21 de agosto de 2021, no qual a significação da palavra “vagabundo” é o mote, a palavra-entrada que instaura um mo(vi)mento de denúncia e de resistência à conjuntura política e social atual, marcada pelo governo de Bolsonaro; e o filme A bolsa ou a vida: qual futuro queremos construir?, de Silvio Tandler (2021), filme-manifesto-documentário que, ao explorar a disputa discursiva entre “bolsa” e “vida”, (d)enuncia como a política do atual governo se inscreve, de modo contundente, na prática política como prática comercial, o que asfixia as condições de vida da maioria que não detêm capital.

Comprendemos, no processo de análise, que os três objetos (re)atualizam certo funcionamento característico de instrumentos linguísticos, conforme definidos por Auroux (1992), em

especial, do dicionário/glossário. Esse funcionamento determina, nesses objetos, a construção discursiva de um trabalho político-simbólico-ideológico que (re)dimensiona certos manejos de/com formas languageiras em função da necessidade de (re)interpretação de dada conjuntura sócio-jurídico-administrativa, no caso, a da sociedade/realidade brasileira atual.

Ao funcionarem ao modo de instrumentos linguísticos, esses objetos trabalham a descrição e a instrumenta(liza)ção¹ da língua, evocando-lhe certa estabilização (imaginária) e, por conseguinte, certa estabilização (imaginária) dos sentidos. Em decorrência desse mesmo funcionamento produz-se uma redução/abstração da língua como recorte inteligível ao leitor-interlocutor (AUROUX; MAZIÈRE, 2006; MAZIÈRE, 2011), o que é próprio a um instrumento linguístico. São essas condições que determinam como esses objetos, ao descreverem e instrumenta(liza)rem a língua, produzem, como efeito, um mo(vi)mento de denúncia e de resistência à supracitada conjuntura.

Em consequência dessa compreensão, não trabalhamos a palavra em si, mas a palavra em discurso. Assim, nós a concebemos como materialidade discursiva que significa nas e pelas relações que estabelece na constituição, formulação e circulação (ORLANDI, 2001) dos dizeres e dos sentidos. No caso dos objetos analisados, o funcionamento da palavra faz laço no material

4 Com base em Auroux (1992), podemos compreender instrumento linguístico como um objeto técnico que se caracteriza por descrever e instrumentar uma língua. A partir da análise de Silva Sobrinho (2013), em que o Museu da Língua Portuguesa é compreendido como instrumento linguístico, concordamos que instrumentar a língua pode significar transformá-la em objeto técnico. Na perspectiva discursiva, ainda com Silva Sobrinho, compreendemos que um instrumento linguístico também instrumentaliza a língua, ou seja, opera-se, nesse processo, um funcionamento político-ideológico sobre a língua e sobre o saber sobre ela. Em outras palavras, a perspectiva discursiva permite conceber o instrumento linguístico “pela ordem do ideológico que o produz e que o faz se (re)produzir, legitimar, institucionalizar” (BRANCO, 2014, p. 41) em determinadas condições sócio-históricas.

e permite construir certo jogo de relações entre os três objetos: é dessa maneira que o funcionamento da palavra trabalha (n)as textualidades do material, dando a ver a transversalidade espiralada da significação em sua materialidade significativa.

De modo mais explícito, ao analisarmos as montagens discursivas que constituem o material, espreitamos a palavra em discurso materializando-se como palavra-entrada, tornando-se, por isso, marca de legibilidade/visibilidade nos referidos objetos. É essa regularidade que indicia, nesses objetos, a (re)atualização de um funcionamento característico do instrumento linguístico dicionário/glossário. No caso do Desbolsonário, esse funcionamento permite lê-lo ao modo de um dicionário/glossário, constituído por um conjunto de palavras-entradas que mantêm entre si uma relação discursiva costurada a partir de uma palavra-entrada central: “Bolsonaro”; no caso do episódio do Greg News, o funcionamento permite lê-lo ao modo de um vlognário, que trabalha a palavra-entrada “vagabundo”; e, no caso do filme A bolsa ou a vida, é possível lê-lo, em muitos de seus mo(vi)mentos cênicos, ao modo de um filminário², no

5 Devido à (re)atualização de um funcionamento característico de um dicionário, lemos o episódio Vagabundo, do Greg News, como vlognário, e o filme A bolsa ou a vida como filminário, procedimento que visa indiciar, nos objetos que constituem o material analítico, a recorrência desse funcionamento, dando certa visibilidade, por conseguinte, a relações discursivas que os conectam na e pela leitura. Esse modo de ler forja um modo de nomear o episódio e o filme a partir de um paralelismo com o nome Desbolsonário, forjado por suas autoras. Lemos esta invenção, Desbolsonário, como resultante do atravessamento entre as palavras “Bolsonaro” e “dicionário” ao qual se acrescenta o prefixo {des-}. Vale destacarmos que esse atravessamento preserva o sufixo {-ário} na superficialidade linguística, o que indicia a restituição do pré-construído “lugar para guardar algo” à palavra Desbolsonário. Em relação a esse sentido possível, faz efeito o prefixo {des-}, que significa como pré-construído tanto o sentido de negação quanto o de reversão. Com este pré-construído, podemos (re)ler aí uma negação/reversão relativa ao sentido de “lugar para guardar algo”, suspendendo a interpretação trata-se de um dicionário como chave de leitura para Desbolsonário. Cabe ainda dizer que a base lexical {vlog-}, utilizada na formação de vlog-

qual um outro conjunto de palavras-entradas são evocadas a partir do jogo entre as palavras-entradas centrais “bolsa” e “vida”.

Entre as palavras-entradas dos referidos objetos, relações discursivas se mantêm, (re)inscrevendo o funcionamento do processo discursivo que os significa em uma prática histórica de organização (AUROUX, 2009), e, diríamos, também, de controle do modo como certos dizeres significam, de uma maneira ou de outra, a sociedade na qual esses objetos ganham formulação e circulação. Uma prática que se materializa e se conduz, sobretudo, pelos métodos da descrição e da instrumenta(liza)ção das relações de sentido; em especial, no caso dos objetos analisados, por meio da (re)produção-transformação do efeito da definição como uma regularidade que se (re)atualiza, de maneira dominante, sobre a base do enunciado definidor (MAZIÈRE, 2008; MAZIÈRE; COLLINOT, 1997). A fórmula dissimuladora $x = y$ que esse enunciado materializa é, portanto, recorrentemente (re)atualizada nos objetos analisados. É dessa maneira que compreendemos, funcionando nesses objetos, por meio de tais métodos, processos de (re)produção-transformação das relações de produção de sentido em uma dada formação social (PÊCHEUX, 1995).

É por meio desse jogo entre palavras-entradas que atravessa o material analisado que algo da sociedade/realidade brasileira se apresenta como questão comum ao debate, à denúncia, lugar de instalação de resistência a determinados efeitos de evidência por meio dele evocados. Essa questão comum é descrita, definida, explorada nos três objetos, em uma certa direção significativa. Essa questão é metaforizada ao modo de uma disputa entre os sentidos de “bolsa” e “vida”, uma disputa que dicotomiza as condições de existência, produzindo, no seio da vida social brasileira, um resto que refere x , sig-

nário, deve-se ao fato de que lemos a série da HBO Brasil funcionando como um vlog, na medida em que a forma de produção e disseminação de conteúdo ali prevalente se dá por meio da publicação periódica de vídeos sobre assuntos diversos, tratados criticamente.

nificando-o como indigno de/da vida. Nos objetos analisados, esse x pode ser lido como certos eleitores ou certos trabalhadores assalariados brasileiros.

A legibilidade desse jogo interdiscursivo decorre desse atravessamento pelo olhar leitor em direção aos três objetos; um olhar que flagra essa questão comum sendo formulada no movimento transversal espiralado da história, que os relaciona numa dada atualidade, ligando-os pelo gesto de interpretação que a conjuntura política e social atual, marcada pelo governo Bolsonaro, provoca. Esse movimento transversal espiralado descreve o modo como os sentidos evocados para significar essa questão comum se inscrevem nos três objetos, permitindo-nos a construção de uma leitura de arquivo que os toma em relações inter- e intradiscursivas.

Esse modo de ler o arquivo coloca os três objetos em relação, permitindo que, no processo de dessuperficialização do funcionamento discursivo que se (re)atualiza neles, certos sentidos evocáveis nos diferentes objetos deslizem, estabelecendo relações sinonímicas e metafórico-metonímicas. No vlognário, por exemplo, sentidos lidos em “vagabundo” descrevem aquele que enche o bolso, sem trabalhar, mas usurpando dinheiro público. Assim, “bolso”, lido como “lugar para se guardar dinheiro”, indicia uma relação possível ao sentido “bolsa”. Essa é uma relação metafórica porque tanto “bolso” quanto “bolsa” metaforizam “dinheiro público usurpado”; e metonímica porque tanto “bolso” quanto “bolsa” referem diversas formas de corrupção cujo resultado é o desvio de dinheiro público. “Bolso” e “bolsa” referem metonimicamente, por exemplo, a prática da rachadinha, negociações que visam ao superfaturamento etc.

Dessa maneira, essa relação metafórico-metonímica estabelece entre “bolso” e “bolsa” um efeito sinonímico. Esse efeito indicia o movimento transversal espiralado no arquivo de modo a evocar, em especial a partir da materialidade discursiva das palavras “bolso” e “bolsa”,

o sentido de “embolsar dinheiro”³, como pré-construído que significa, no vlognário, a atividade da “família bolso” cujo chefe, Bolsonaro, é ali definido como o maior vagabundo dessa república, que trabalha muito pouco porque, ao invés de trabalhar, opera, desde 1989, um esquema milionário de desvio de dinheiro público, para o próprio bolso ou da própria família⁴.

Por meio ainda desse modo de ler o arquivo, a transversalidade espiralada é restituída na materialidade discursiva do verbete “Bolsonaro”, no Desbolsonário, no qual podemos ler “Bolsonaro” como derivação “de ‘bolso’ e de ‘bolsa’”, além da reafirmação de que “embolsar” significaria “pôr dinheiro no bolso”, na perspectiva filosófico-ideológica forjada na paráfrase do lema bolsonarista (Brasil acima de tudo, Deus acima de todos)⁵: “o bolso e a bolsa acima de tudo, mas não qualquer bolsa”; “‘bolsa família’ com bolsos esvaziados pela corrupção”. No fiminário, por sua vez, a transversalidade espiralada permite a interpretação de “embolsar dinheiro” como paráfrase metafórica de “asfixia[r] Educação, Ciência, Cultura e Arte” (conforme fica significado no instante 00min41seg do filme) e, por deslizamento, como paráfrase metonímica de “asfixiar a vida”, uma vez que embolsar dinheiro público em bolso próprio implica asfixiar a maioria da população que é roubada. Essas paráfrases dão condições de leitura à seguinte tese, que o fiminário A bolsa ou a vida restitui como opacidade a ser lida: “a política é o comércio”.

6 Vale a observação, aqui, de que “embolsar” pode ser definido como derivado de “bolso”, o que demonstra, por outra perspectiva, que a historicidade de tal relação pode se (re)inscrever como memória do/no dizer, funcionamento legível na textualidade do vlognário.

7 Conferir em Greg News, episódio Vagabundo (30min-29seg; ver, em especial entre 22min21seg e 26min26seg. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=O07KW0I9xIQ>, acessado em março de 2022).

8 Para uma leitura discursiva desse lema, sugerimos o estudo do texto Isso é uma gripezinha - o Brasil em diminutivo (RODRIGUES; AGUSTINI; BRANCO; BARROS, 2020).

Procuramos expor, assim, o mo(vi)mento transversal espiralado da história em funcionamento no arquivo analisado. A transversalidade desse mo(vi)mento denuncia a não linearidade das relações de sentido em consonância com o esburacamento constitutivo da memória (PÊCHEUX, 1999); é um mo(vi)mento na história, portanto, em que as relações atravessam obliquamente o dizer, a significação. Essa transversalidade se desenrola no tecido da história como uma espiral que coloca em perspectiva, em seu movimento centrífugo e centrípeto, a (re)produção da possibilidade de relação entre os dizeres que textualizam o político em diferentes objetos.

É nesse mo(vi)mento transversal espiralado que forma(s) e sentido(s) se relacionam e deslizam como regularidade no funcionamento do arquivo analisado. A seguir, trabalhamos a hipótese colocada em investigação sobre como esse funcionamento restitui certa condição de leitura aos objetos do arquivo, permitindo ler neles a (re)atualização de um funcionamento característico ao funcionamento do instrumento linguístico dicionário/glossário, em especial, pelo modo como a palavra se discursiviza como entrada de dicionário/glossário.

Mo(vi)mentos e experimentações analíticas

Toda descrição está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua.

Michel Pêcheux (1997, p. 53)

Partimos da compreensão de que os três objetos em análise compõem um arquivo de instrumentos tecnológicos. Com base em Guimarães e Orlandi (1996), compreendemos que os instrumentos tecnológicos constituem historicamente nossa sociedade, pois, por meio deles, a sociedade é, de muitas e diversas maneiras, discursivizada. É assim que reconhecemos esse arquivo (re)produzindo-transformando interpretações possíveis sobre a conjuntura política e social atual, marcada pelo governo Bolsonaro.

Vale ressaltarmos que cada objeto do arquivo movimenta a seu modo um gesto de interpretação nessa direção, e, ao fazê-lo, coloca língua e linguagem em um funcionamento que remete o leitor ao funcionamento característico de um dicionário, qual seja: pontuar sentidos para palavras-entradas, de modo a regular seu uso sócio-histórico e certo conhecimento (linguístico) sobre o vocabulário por meio dele instituído.

Nosso modo de entrada na leitura do arquivo estabelecido pinça palavras em seu movimento transversal espiralado, por meio do qual (re)produz efeito(s) de (in)definição. Nesse movimento, tornam-se identificáveis marcas que indiciam equivocidade, a partir das quais podemos (re)ler a produção do sentido como aquilo que (não) é. Ou seja, palavras funcionando na e pela descrição e instrumenta(liza)ção estão sempre expostas ao equívoco, em mo(vi)mentos de deriva: uma palavra sempre pode deslizar para outra(s), um sentido sempre pode ser outro(s) (PÊCHEUX, 1997). Decorre do que acabamos de dizer a seguinte tese: os efeitos da descrição e instrumenta(liz)ação da língua estão sujeitos ao equívoco e à deriva. E essa tese instrumentaliza, por sua vez, o dispositivo de leitura construído para trabalhar nossa hipótese na análise do material. Começamos com o Desbolsonário de bolso.

Desbolsonário... de bolso, de bolsa...

O Desbolsonário de bolso⁶ é constituído por três partes ou seções: a primeira parte corresponde a um “dicionário etimológico”, na qual Holanda e Schuback (2019) propõem uma etimologia para os nomes do atual presidente: Bolsonaro, Jair e Messias; a segunda parte apresenta um “glossário ideológico”, descritivo, segundo as autoras, da ideologia do presidente; na última parte, denominada “apêndice”, elas recorrem a “ilustrações” do fim do século XIX para (d)enunciar como algo apresentado como

novo pode ser lido como reprodução de algo “velho”, contestando a posição do presidente como uma posição representativa daquilo que circula sendo designado como “nova política”. Essa posição fica marcada em afirmações feitas pelo presidente, como esta: “alguns, não são todos, não querem largar a velha política, que infelizmente nos colocou nesta situação bastante crítica em que nos encontramos” (negrito nosso)⁷.

No nosso modo de ler, o Desbolsonário (d)enuncia, já no título, uma ironia, ao fazer derivar de um nome próprio (Bolsonaro) um nome comum (desbolsonário), fazendo parecer que o leitor estaria diante de um dicionário como outros e que, talvez, pudesse ajudar a “esclarecer” certo universo semântico associável ao nome “Bolsonaro”. Entretanto, essa ironia indicia um jogo que o Desbolsonário captura – materializa – para formular uma crítica à política e ao governo do presidente eleito em 2018, mobilizando, para tanto, de forma predominante, um conjunto de palavras-entradas e suas acepções que produzem um efeito de explicação para aquilo que circula como “bolsonarismo”⁸. É um jogo de efeitos indiciado na construção morfofonológica dessa nomeação e suas realizações fonéticas. O prefixo {des-} (re)atualiza o sentido de negação/reversão que o sufixo {-ário} (re)atualiza, significando, neste caso, o Desbolsonário como um lugar para guardar o vocabulário bolsonarista. Noutras palavras, o prefixo {des-}

10 Conferir matéria de 23 de março de 2019, publicada no portal Poder360, em <https://www.poder360.com.br/brasil/alguns-nao-querem-largar-a-velha-politica-diz-bolsonaro/>. Acessado em 30 de março de 2022.

11 As aspas indiciam certa intranquilidade decorrente de uma disputa semântica que o termo provoca. Compreendemos bolsonarismo como um movimento político-ideológico, assim nomeado, que dissimula, como efeito, a inexistência de um movimento político que reproduz o fascismo-nazismo no Brasil. Essa nomeação funciona como uma paráfrase que aparece no dizer para não se dizer “fascismo”, “nazismo” ou “extrema direita”; noutras palavras, uma paráfrase que remete ao já-dito que tais pré-construídos evocam. Para conhecer mais e aprofundar na complexidade filosófico-semântica desse termo, recomendamos o estudo dos textos de Baldaia, Araújo e Araújo (2021) e Boito Jr. (2020).

9 Leia o Desbolsonário em <https://zazie.com.br/wp-content/uploads/2021/05/DESBOLSONARIO-3.pdf>.

faz significar a negação/reversão da ideia de dicionário como um lugar para guardar tal vocabulário, colocando em xeque, de nosso ponto de vista, o efeito de transparência na leitura do Desbolsonário como dicionário. É assim que, já no modo de nomear esse objeto, (d)enuncia-se certo gesto de interpretação que intenta negar/reverter/combatê-lo/contradizer certo já-dito sobre o que aparece descrito no Desbolsonário como “ideologia bolsonarista”.

Podemos acrescentar que esse modo de nomear contesta que a discursividade bolsonarista não seja ideologicamente constituída, consoante ao que é propalado por aqueles que se reconhecem bolsonaristas. Conforme esse raciocínio, compreendemos que a afirmação de que o Desbolsonário traduziria “termos e significados forjados tão repentinamente [com a campanha presidencial de 2018], em bocas, cabeças, mídias, redes e meios de comunicação contemporâneos” (cf. nota de esclarecimento), funciona, ao contrário, como crítica a esses termos e significados, os quais, segundo as autoras, seriam representativos de certa confusão dos sentidos – o que elas descrevem como pane na linguagem. Por isso, podemos ler, funcionando no Desbolsonário, um processo discursivo que (re)produz o sentido como aquilo que (não) é.

Se considerarmos, ainda, a leitura da materialidade fonética, identificamos certa homofonia entre a nomeação [disbowson'ariw] (desbolsonário) e o nome [dision'ariw] (dicionário), a partir da realização do fonema /e/ e do mesmo padrão acentual. Esse efeito de homofonia fica indiciado pelo processo de formação da palavra ‘desbolsonário’ por meio do acréscimo simultâneo do prefixo {des-} e do sufixo {-ário}. A pronúncia do prefixo permite variação fonética, que se marca, na realização, como [dis-] ou como [des-]. Se considerarmos a sua variação fonética como [dis-], percebemos que a nomeação [disbowson'ariw] se aproxima foneticamente do nome [dision'ariw]⁹, evocando, assim, relações

semânticas que fazem comparecer a evidência de que estaríamos diante de um dicionário, para, contraditoriamente, revertê-la pela crítica e pela ironia: trata-se de um dicionário, #sqn. É assim que, como uma espécie de sintoma, as próprias autoras deslizam entre a nomeação “dicionário” e “glossário”, o que indicia a (não) institucionalização de tal instrumento e, por conseguinte, de seu funcionamento (não) familiar a um dicionário. Esse deslizamento entre “dicionário” e “glossário” fica marcado, por exemplo, tanto na “nota de esclarecimento” quanto no “índice” do Desbolsonário, conforme fica legível no recorte 1.

Recorte 1

Era preciso, com urgência, encontrar um instrumento que nos auxiliasse no trabalho de comunicação com nossos conterrâneos. E também no trabalho de tradução de um **glossário** bem específico para aqueles que, como nós, sentiam-se perdidos diante de termos e significados forjados tão repentinamente em bocas, cabeças, mídias, redes e meios de comunicação contemporâneos.

Por tal motivo, decidimos fazer um **dicionário** de bolso. Ou melhor um “Desbolsonário de Bolso”. Leve-o no bolso ou na bolsa, consulte-o sempre que precisar.

(Nota de esclarecimento, *Desbolsonário de bolso*, 2019, p. 5; negrito nosso)

Introdução

1. DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO

Bolsonaro
Jair
Messias

2. GLOSSÁRIO IDEOLÓGICO

(Print selecionado do Índice do *Desbolsonário de bolso*)

É, portanto, entre uma descrição dita «etimológica» e outra dita «ideológica», que o Desbolsonário é estruturalmente construído ao modo de um dicionário/glossário. Essa estrutura se apresenta a partir da regularidade constituída por palavra-entrada seguida de procedimentos que textualizam para ela sentidos e usos possíveis, procedimentos que reproduzem uma prática lexicográfica reconhecidamente “própria” à confecção de dicionários/glossários. Medeiros e Petri (2013), a esse respeito, descrevem esses

variantes. Assim, entre chaves, consideramos morfemas: {des-} e {-ário}; entre barras, transcrevemos fonemas: /e/; entre colchetes, trazemos as possíveis variantes dos fonemas: para o fonema /e/, as variantes [i] em [disbowson'ariw], e [e] em [desbowson'ariw].

12 Para os não especialistas em Linguística, apresentamos o modo formal de escrevermos morfemas, fonemas e suas

procedimentos como “procedimentos tornados prática no fazer dicionarístico: seleção, indicação sobre a palavra – se substantivo, se brasileiro, por exemplo –, definição e/ou explicação, exemplificação, remissão a outros verbetes e fontes indicadas” (MEDEIROS; PETRI, 2013, p. 50). Trabalhamos, a seguir, a compreensão de como esses procedimentos direcionam a interpretação sobre “Bolsonaro” e “bolsonarismo”, a partir da palavra-entrada selecionada para nossa experimentação analítica.

Na primeira seção do Desbolsonário, a palavra-entrada “Bolsonaro” desliza no e pelo movimento da transversalidade espiralada já descrito, construindo relações de sentido a partir do jogo em que uma palavra puxa – evoca – outra, materializando a relação discursiva segundo a qual um sentido se liga a outro. Esse movimento inscreve a palavra-entrada “Bolsonaro” no processo de significação, e seu(s) sentido(s) passa(m) a ser construído(s) em relação de deriva com “bolso”, “bolsa”, “boçal”, até mesmo com “Donald Trump”, conforme é possível lermos no verbete trazido como recorte 2.

Recorte 2

BOLSONARO: 1. De “bolso” e de “bolsa”. Dinheiro no bolso, alta da bolsa. 2. O bolso e a bolsa acima de tudo, mas não qualquer bolsa. Não à bolsa de estudos. Sim ao ‘bolsa família’ – uma vez que ele rouba votos do opositor –, mas não sem misturar no ouvido ‘bolsa família’ com bolsos esvaziados pela corrupção. 3. Inventar nomes de outras bolsas, como a “bolsa ditadura” (um modo grosseiro de desqualificar a indenização recebida por pessoas atingidas pelo governo militar que ele defende). 4. Nome derivado de um verbo do português arcaico, *bolsonar*, derivado do latim *bolsonegare*, com sentido ainda a ser definido no futuro próximo de: a) ou bem sonegar impostos e guardar no bolso – pois, afinal de contas, impostos são um assalto ao bolso do assim chamado ‘cidadão de bem’ (cf. verbete ‘*Cidadão de bem*’); b) ou bem negar ao bolso do cidadão qualquer retorno do estado aos impostos pagos. 5. Segundo teoria mais aceita, substantivo derivado do verbo “boçalizar”, sinônimo, portanto, de “boçal”. 6. Segundo uma certa corrente da linguística desconstrutivista, tradução da seguinte gíria corrente do inglês americano: ‘**Donald Trump**’.

Se (re)lmos esse verbete, na relação transversal espiralada com outros verbetes do Desbolsonário, a palavra-entrada “Bolsonaro” desliza significativamente, o que constitui certa

consistência significativa para a crítica e a ironia materializadas no e pelo Desbolsonário, de modo a caucionar interpretações para a palavra-entrada “Bolsonaro”: “bolsonarista” (verbetes “democracia bolsonarista”, entre outros), “necessidade de facção” e “fakização da existência” (verbetes “fato”), “ideologia bolsonarista” (verbetes “anticomunismo”, entre outros), “novo nome para ‘velho’” e “conservadorismo” (verbetes “novo”), “olavismo” (verbetes “olavismo”), “neopositivismo” e “neofacismo” (verbetes “ordem e regresso”), “esquecimento da história” (verbetes “passar a limpo o país”), “confusão” e “empresendedorismo privado” (verbetes “política”), “piada” (verbetes “piada”), “negacionismo” (verbetes “religião”), “terraplanista” (verbetes “terraplanismo”), “terrorismo” (verbetes “terrorismo”), “posição politicamente antidemocrática” (verbetes “verdade”) etc.

Por meio dessas relações entre palavras e sentidos, o deslizamento vai significando a crítica/ironia, descrevendo e instrumenta(liza)ndo um direcionamento interpretativo para tais palavras-entradas e suas acepções, de modo a propor definições para “Bolsonaro” e “bolsonarismo”. Esse direcionamento é marcado pela negação/reversão de certos dizeres/sentidos outros que circula(va)m socialmente produzindo tal efeito (o de definição para “Bolsonaro” e “bolsonarismo”). Nessa medida, o Desbolsonário funciona redefinindo, pela crítica/ironia, “Bolsonaro” e “bolsonarismo”, construindo, na e pela linguagem, um modo de resistência a esses outros dizeres/sentidos. Nesse deslizamento, a palavra “Bolsonaro”, por um lado, puxa “bolsonarista” que puxa “terraplanista” que puxa “velho” que puxa “negacionista” que puxa “posição politicamente antidemocrática”, por exemplo. Por outro lado, a palavra “Bolsonaro” também puxa “boçalizar” que puxa “sonegar” que puxa “guardar no [próprio] bolso”, por exemplo. Assim, podemos dizer que a “confusão” descrita pelas autoras como própria ao vocabulário de “Bolsonaro” e do “bolsonarismo” se dispersaria em outra rede de interpretações que elas julgam

esclarecer “devidamente” o que (não) é “Bolsonaro”, o que (não) é “bolsonarismo”. É nesse jogo que podemos perceber como o Desbolsonário materializa uma arena em que sentidos concorrem/disputam por significar no processo discursivo que o constitui.

Dessa maneira, o movimento transversal espiralado (re)liga as palavras-entradas e os verbetes restituindo à leitura uma rede de sentidos que (re)orienta a significação da palavra “Bolsonaro” no Desbolsonário. É este movimento que, do nosso ponto de vista, parece sustentar um processo de fabricação imaginária que inscreve o instrumento tecnológico no jogo ilusório do é/não é, o jogo do “como se fosse”, fazendo o Desbolsonário funcionar como se fosse um dicionário/glossário, como se fosse, portanto, um instrumento linguístico, atribuindo a essa fabricação o estatuto de certa (des)institucionalidade. É esse efeito que parece envelopar a crítica e a ironia que procuram (d)enunciar o jogo entre absurdo e evidência (RODRIGUES; AGUSTINI; BRANCO; BARROS, 2020) que sustenta “a confusão/a pane” que o bolsonarismo teria supostamente instaurado no processo sócio-histórico-ideológico que determina como a sociedade/realidade brasileira pode ou deve se dizer, pode ou deve ser dita, desde a campanha presidencial de 2018.

Ao retomarmos a regularidade da formulação dos verbetes do Desbolsonário visível no recorte 2, reconhecemos os procedimentos supracitados como próprios à prática de produção de dicionários/glossários. No verbete do recorte 2, os procedimentos se apresentam da seguinte maneira: seleção: indiciada por meio da própria palavra-entrada “Bolsonaro” e por meio das acepções que a descrevem, selecionadas entre outras possíveis; indicação sobre a palavra: “4. Nome derivado de um verbo do português arcaico, *bolsonar*, derivado do latim *bolsonegare*, com sentido ainda a ser definido no futuro próximo [...] 5. Segundo teoria mais aceita, substantivo derivado do verbo “boçalizar”, sinônimo, portanto, de ‘boçal’”; definição: “[Bolsonaro é

a] tradução da seguinte gíria corrente do inglês americano: ‘Donald Trump’”; explicação: “uma vez que ele rouba votos do opositor”; exemplificação: “3. Inventar nomes de outras bolsas, como a ‘bolsa ditadura’ (um modo grosseiro de desqualificar a indenização recebida por pessoas atingidas pelo governo militar que ele defende)”; remissão a outros verbetes: “cf. verbete ‘Cidadão de bem’”; e indicação de fontes: “Segundo uma certa corrente da linguística desconstrutivista”.

É por meio desses procedimentos, entre outros, que o Desbolsonário funciona dissimulando o processo de descrição e instrumenta(liza)ção que o dicionário/glossário materializa como instrumento linguístico, formulando o jogo próprio ao dicionário/glossário que diz quais palavras devem ter/têm sentido e quais devem ser/são os sentidos delas, ou seja, delimitando quais devem ser/são as relações entre palavras e sentidos. É na materialização desses procedimentos que as paráfrases e os enunciados definidores (MAZIÈRE, 2008; MAZIÈRE; COLLINOT, 1997) se inscrevem forjando formulações que (re)atualizam interpretações possíveis para “Bolsonaro” e “bolsonarismo”.

Por exemplo, no verbete do recorte 2, o enunciado definidor “[Bolsonaro é] substantivo derivado do verbo ‘boçalizar’, sinônimo, portanto, de ‘boçal’” mantém relação parafrástica com outro enunciado definidor do mesmo verbete: “[Bolsonaro é] nome derivado de um verbo do português arcaico, *bolsonar*, derivado do latim *bolsonegare*”. Esses enunciados mantêm relação parafrástica também com o enunciado definidor “[Bolsonaro é,] segundo uma certa corrente da linguística desconstrutivista, tradução da seguinte gíria corrente do inglês americano: ‘Donald Trump’”. A relação significativa entre “Bolsonaro”, “boçalizar”, “boçal”, “bolsonar”, “bolsonegare”, “gíria” e “Donald Trump” produz referências cruzadas que, numa leitura possível, permitem certa compreensão na qual “Bolsonaro” pode significar “gíria”, uma vez que “Donald Trump” é descrito como “gíria corrente do inglês americano”; assim, podemos com-

preender “Bolsonaro” como uma gíria corrente da língua brasileira. “Bolsonaro” pode significar também sonegação, conforme acepção “bolsonegare”.

Essas referências cruzadas evocam sentidos que negam/revertem sentidos outros de modo a qualificar pejorativamente “Bolsonaro” e “bolsonarismo”. Além disso, essas referências cruzadas, produzidas reiteradamente ao longo do Desbolsonário, vão caucionando a insistência na crítica/ironia por meio de seu funcionamento ao modo de um dicionário/glossário. E, em decorrência desse funcionamento, podemos compreender o Desbolsonário como um objeto que se apresenta à leitura significando uma posição de resistência antibolsonarista. Daí a possibilidade de lê-lo como um glossário antibolsonarista, que instrumentaliza a desconstrução, o combate aos sentidos do bolsonarismo que circulam em nossa sociedade.

Ao explicitarmos como o Desbolsonário de bolso (re)atualiza o funcionamento característico de um dicionário/glossário, compreendemos que um efeito importante ali produzido é o da dissimulação de uma origem prismática para a palavra-entrada “Bolsonaro” e, por conseguinte, para um saber prismático sobre ela e sobre o “bolsonarismo”. Essa origem e saber forjados (re)atualizam um jogo somente possível na e pela memória, a partir do qual se (re)produz uma mexida na memória lexicográfica (NUNES, 2013), ou seja, uma mexida nesse “campo de memória mobilizado pelos dicionários, assim como pelas teorias e procedimentos lexicográficos que se encontram neles” (NUNES, 2013, p. 163). Essa mexida joga com a memória lexicográfica ao (re)produzi-la e, ao mesmo tempo, negá-la/revertê-la, possibilitando certa invenção dicionarística que ganha forma como o Desbolsonário de bolso. Essa invenção se marca na apropriação da memória lexicográfica para construir uma posição de combate, de luta, de resistência. É uma mexida que nega/reverte nichos de sentido aparentemente cristalizados ou que disputam este estatuto, na medida das relações

de força sócio-histórico-ideológicas que procuram dominar tal arena. Afinal de contas, como efeito do funcionamento da memória lexicográfica, um dicionário/glossário não seria feito para combater, lutar, resistir de uma posição discursiva contra outra(s), mas, aparentemente, para recortar, elencar e relacionar sentidos, hegemônicos, sob a ilusão da neutralidade.

Com base no exposto, como objeto que se apresenta à leitura, a invenção do Desbolsonário de bolso pode ressoar efeitos de um processo de (des)institucionalização que poderiam (des)legitimá-lo como um dicionário/glossário capaz de determinar como uma sociedade/realidade pode ou deve se dizer, pode ou deve ser dita. Como a análise permite explicitar e compreender, essa fronteira, na qual o Desbolsonário se instala, (re)inscreve, de modo permanente, o jogo dicionário/glossário, #sqn.

Vlognário... de vagabundo...

Em relação ao vlognário, que apresenta o episódio *Vagabundo*¹⁰, do talk show Greg News (HBO Brasil), podemos lê-lo como um verbete que comporia um dicionário/glossário audiovisual. Essa leitura se torna possível pelo modo como o vlognário (re)atualiza, também, um funcionamento característico do instrumento linguístico dicionário/glossário. Nesse processo, em que o vlognário se apresenta como se fosse um verbete dicionarístico, os procedimentos próprios à prática de produção de dicionários/glossários são (re)produzidos, mas também transformados, na medida em que procedimentos próprios à prática de produção de objetos audiovisuais destinados a circular em plataformas de *streaming* e nas redes sociais passam a determinar como os procedimentos de produção de dicionários/glossários são ali trabalhados e materializados.

Dentre os procedimentos próprios à prática de produção de objetos audiovisuais, ga-

13 O episódio pode ser assistido em <https://www.youtube.com/watch?v=O07KWOI9xIQ>.

nham destaque os procedimentos de edição, a partir dos quais são produzidos, por exemplo, efeitos de sobreposição entre fotogramas ou entre fotogramas e outros objetos fotográficos e/ou digitais, intercalação de recortes de vídeos e de vídeos com recortes de outras fontes materiais, incluindo efeitos sonoros, utilizadas para exemplificar, produzir remissões a outros palavras/enunciados que compõem as acepções de “vagabundo”. Dessa maneira, em relação a um dicionário/glossário tradicional, impresso, o vlognário traz outra forma de interação com o leitor, quando comparado com o *Desbolsonário de bolso*, para formular uma crítica/denúncia contra o presidente eleito em 2018, e, em decorrência disso, ao “bolsonarismo”.

No vlognário a palavra-entrada “vagabundo” é reformulada parafrasticamente, a fim de caucionar-lhe a construção de acepções. Entre as acepções apresentadas, identificamos a trajetória transversal espiralada que orienta sua definição e cujo rastro se marca por um deslizamento, por meio do qual uma palavra puxa outra, um sentido puxa outro, determinando certa (re) orientação interpretativa para “vagabundo”, de modo que a interpretação “Bolsonaro é um vagabundo” torna-se possível/legível. Podemos ler esse deslizamento e esse efeito, analisando o recorte 3, que restitui, do vlognário, uma versão transcrita do verbete “vagabundo”.

Recorte 3.

Vagabundo: [...] 1. No sentido original, **vagabundo é aquele que vaga**. [...] 2. Sentido de andarilho [...] 3. Aquilo que não tem qualidade. [Por exemplo:] um aspirador de pó robô pode ser vagabundo. [...] 4. Outro sentido clássico da palavra é o de preguiçoso, que também trai o sentido original, porque preguiçoso é aquele que justamente não vaga por aí. Você, adolescente, se seus pais te mandarem sair de casa pra deixar de ser vagabundo, não deixe de notar o paradoxo. 5. Existe ainda uma quinta acepção da palavra, usada apenas por Caetano Veloso cujo coração vagabundo quer guardar o mundo em si. E, nesse caso, **vagabundo significa acumulador compulsivo**. 6. [...] acepção [...] que se tornou a mais usada nos dias de hoje: **vagabundo, hoje, se tornou sinônimo de bandido, de criminoso, de delinquente**, como na canção “Seu guarda, eu não sou vagabundo, eu não sou delinquente, eu sou um cara carente [...]” [...]. Foi com essa acepção, de vagabundo como bandido, que a palavra [...] se tornou onipresente na boca dos conservadores do Bra-

sil. [...] Bolsonaro se elegeu deputado, e depois presidente, usando vagabundo em todas as ocasiões. Ainda hoje, quando ele se irrita com alguém, ou ele não sabe o que dizer, quando pressionam ele, ele recorre ao ‘vagabundo’ [por exemplo:] “Dia Internacional dos Direitos Humanos – no Brasil, é o dia internacional da vagabundagem.”; [...] “Mas todo vagabundo está armado.”; “Vagabunda! [direcionado a uma repórter]”. “Vagabundo e ladrão! [fala em plenário]”; “Então, o cara que está roubando uma margarina é um vagabundo.”; “E um vagabundo como vice.”; “Temos um vagabundo inquirindo pessoas de bem em nosso país.”^[1] O cara usa vagabundo de qualquer jeito, em qualquer ocasião. [...] 7. [...] existem ocasiões em que vagabundo serve perfeitamente. Existe, sim, um tipo de profissional que ganha para não trabalhar. Ele é um funcionário fantasma, que nada mais é do que um vagabundo remunerado. Embora, ele não tenha morrido, diz-se de um funcionário, que ele é fantasma, quando, apesar de receber um salário, ele não aparece no emprego. [...]. Funcionário fantasma é diferente do funcionário cadáver, que não aparece, mas não aparece mais por estar morto, mesmo. [...] O funcionário fantasma é uma espécie de encosto. [...] A Márcia [Sensitiva] também faz uma distinção muito importante entre o encosto e o espírito obsessivo. São bem diferentes porque, ao contrário do encosto, que só quer sugar o seu ectoplasma, o obsessivo trabalha exaustivamente para acabar com a sua vida, ou seja, o encosto ele é o fantasma quando vagabundo [...] **o funcionário fantasma, ele é o encosto do funcionalismo público. Sem nunca dar as caras no serviço, ele vive de sugar o ectoplasma da verba pública**. E tem outra personagem que, além de ser sempre acusado de encostado e de vagabundo, também é frequentemente contratado como funcionário fantasma, que é quem? É o cunhado. E aparentemente Bolsonaro, assim como detesta os vagabundos, também é um grande detratador de cunhado. [intercala-se vídeo com fala de Jair]. [...] Mourão [vice-presidente de Bolsonaro] entrou na lista das coisas que atrapalham o governo Bolsonaro. Junto com o STF, o Congresso, os governadores, a imprensa, a pandemia, o lockdown, a constituição, as urnas eletrônicas, a torcida contra, as ONGs, o pessoal dos direitos humanos e o PT. Mas a metáfora do cunhado para descrever o Mourão é boa. Afinal, ele está sempre lá, dividindo o mesmo teto, falando mais do que deveria e geralmente de sunga. [...] A cunhada de Bolsonaro era, o que tudo indica, o que a gente chama de funcionária fantasma. Muito antes da gente pensar em *home office*, a Andrea, ela já fazia um *home ghosting*. Ela era contratada só para receber o salário e desviá-lo para conta dos chefes. [...] Mas o que a gente sabe hoje, graças a uma investigação do Ministério Público, é que alguns assessores repassavam até 90% do que ganhavam pra família Bolsonaro. [...] Ainda segundo as investigações, vários desses funcionários fantasmas, assim como a cunhada Andrea, eram da família da Anna Cristina Valle, essa segunda mulher do Bolsonaro. [...] Só de parentes da Anna Cristina foram dezoito contratados. O André, que é irmão caçula dela e da Andrea, portanto, também ex-cunhado do Jair, foi outro que

14 Exemplos mostrados, no vlognário, como recortes de outras fontes audiovisuais, como recortes de materiais de telejornais.

constou como assessor da família Bolsonaro. [...] Falando no Jair, apesar dele ter reclamado que não dava pra demitir cunhado, ele acabou demitindo o André. Por quê? Por que o André não trabalhava, por que ele não aparecia? Não. Parece que o André perdeu o emprego fantasma só porque ele não repassava os tais 90% do salário para o Jair. [...] E não foi só com a família do coronel [tio Hudson] que rolou esse esquema, não. Tem [...] a família do ex-sumido Fabrício Queiroz, que é amigo do Bolsonaro desde os tempos do exército, e que foi apontado como operador da corrupção dentro do gabinete do Flávio. [...] Além de ser amigo de longa data dos Bolsonaro, Queiroz parece ter outra conexão muito importante: a ligação com a milícia. E tudo indica que foi através dele que os gabinetes dos Bolsonaro começaram a empregar funcionários fantasmas mais ilustres como a ex-mulher e a mãe do miliciano Adriano da Nóbrega, acusado de ser chefe de um grupo de extermínio conhecido como Escritório do Crime. O mais curioso é que, segundo as investigações, a ex-mulher do miliciano tinha um esquema bem mais vantajoso que o do ex-cunhado do Bolsonaro – ela só precisava repassar 20% do salário dela para a família Bolsonaro; podia ficar com 80%. Talvez porque seu marido famoso compensasse prestando outro tipo de serviço. [...] **O que todas as denúncias, áudios, investigações parecem indicar é que a família Bolsonaro passou anos cometendo pelo menos dois crimes: primeiro, eles estavam contratando funcionário fantasma; segundo, estavam desviando os salários desses funcionários em um crime popularmente conhecido como “rachadinha”, que é um clássico brasileiro [...] às vezes, para financiar os gastos do partido, às vezes para enfiar no próprio bolso, como parece ser o caso da família “Bolso”.** Acho que “naro” em italiano deve significar “nosso” – “Bolsonaro”. [...] **Era um esquema milionário de desvio de dinheiro público.** Desde que o Jair foi eleito pela primeira vez, os cofres públicos pagaram pelo menos R\$ 29,5 milhões em salário, para funcionários da família dele que aparentemente não faziam seu trabalho. [...] O clã Bolsonaro nomeou 102 pessoas com laços familiares umas com as outras. [...] Todos esses funcionários com laços familiares entre si receberam R\$ 65 milhões em salários. [...] o fato é que o cara trabalha muito pouco. A não ser que se considere que é trabalho passar o dia no Zap ou no Twitter jogando conversa fora com quem não tem mais o que fazer naquele cercadinho. **Tudo indica que o esquema do Bolsonaro era um esquema de vagabundagem.** Ele contrata uns vagabundos só para pegar os salários deles e não trabalhar também. E melhor ainda, ao longo dos anos, ele colocou os filhos para serem eleitos, [o] que pode ter quadruplicado a vagabundagem. E pra completar, não é só que Bolsonaro e seus encostos parecem ter roubado milhões e milhões do nosso dinheiro. É também que, enquanto isso, **Bolsonaro não fez o trabalho dele.** [...] **O que as instituições e denúncias têm mostrado é que ele é um vagabundo, em todos os sentidos do termo. Aquele que não trabalha, mas também aquele que rouba, e também é o acumulador compulsivo lá do Caetano, no caso dos apartamentos. Ah... mas ele não fica vagando por aí. Só que fica também! E com o nosso dinheiro!** [...] Ele não se incomoda muito quando chamam ele de fascista, de genocida, de homofóbico, de racista. Talvez ele até goste, porque

quando falam isso, não estão falando do grande escândalo de vagabundagem no qual parece que ele está metido. **Que a verdade, gente, é que parece que ele mesmo era um deputado fantasma. E hoje é um presidente fantasma.** Um encosto que está sugando o nosso ectoplasma há vinte anos, deixando a bunda do Brasil toda gelada. Agora falando seríssimo mesmo. [...] o Brasil tem, hoje, 15 milhões de desempregados, o que significa que o Brasil tem, hoje, 15 milhões de pessoas querendo muito trabalhar. E o cara parece que não faz ideia do que é isso. [...] e o pior: Bolsonaro está sendo protegido pelos maiores espíritos obsessores que esse país já teve – que são os generais de pijama que vivem do nosso dinheiro. Os caras dizem que estão defendendo o Brasil, mas, na verdade, estão se comportando, hoje, como defensores de vagabundo. Os caras estão blindando vagabundo com tanque velho. [...] E o Brasil vai ter jogado a sua democracia fora só para abafar um escândalo gigante de desvio de dinheiro público operado por ninguém menos do que **o maior vagabundo dessa república.** Esse foi o Greg News. [...] (versão transcrita do episódio “Vagabundo”, exibido em 21 de agosto de 2021, no talk show Greg News, da HBO Brasil, apresentado por Gregório Duvivier)

Assim como mostramos funcionando no Desbolsonário, os procedimentos próprios à prática de produção dicionarística são mobilizados também na construção do verbete trazido no recorte 3. No vlognário, os procedimentos podem ser localizados, por exemplo, da seguinte maneira: seleção: indiciada por meio da própria palavra-entrada “vagabundo” e por meio das acepções que a descrevem, selecionadas entre outras possíveis; indicação sobre a palavra: “6. [...] vagabundo, hoje, se tornou sinônimo de bandido, criminoso, delinquente [...]; definição: “1. [...] no sentido original, vagabundo é aquele que vaga.”; exemplificação: “7. [...] o funcionário fantasma, ele é o encosto do funcionalismo público. Sem nunca dar as caras no serviço, ele vive de sugar o ectoplasma da verba pública. E tem outro personagem que, além de ser sempre acusado de encostado e de vagabundo, também é frequentemente contratado como funcionário fantasma, que é quem? É o cunhado.”; remissão a outros verbetes: “acumulador compulsivo [...] bandido, criminoso, delinquente [...] funcionário fantasma [...] funcionário cadáver [...]”; e indicação de fontes: “A Márcia [Sensitiva] também faz uma distinção muito importante entre o encosto e o espírito obsessivo. [...] O que todas as denúncias, áudios, investigações parecem

indicar é que a família Bolsonaro passou anos cometendo pelo menos dois crimes [...]”.

Esses procedimentos, por um lado, textualizam, no vlognário, uma crítica/denúncia contra o atual presidente, e, por outro lado, (re) atualizam um funcionamento discursivo que se configura no e pelo deslizamento de enunciados definidores para enunciados exemplificativos. Esse funcionamento mostra-se decisivo para a produção do efeito de crítica/denúncia no e pelo vlognário. Na acepção 1, o enunciado definidor “vagabundo é aquele que vaga”, que, aparentemente, não marcaria o indiciamento de crítica ou denúncia, desliza parafrasticamente na acepção 7, na qual lemos: “Ah... mas ele [Bolsonaro/Jair] não fica vagando por aí. Só que fica também! E com o nosso dinheiro!” Este enunciado funciona como um enunciado exemplificativo da acepção 1, uma vez que o pronome “ele” constitui uma anáfora de “Bolsonaro/Jair”, de tal modo que “Bolsonaro vagar com o nosso dinheiro” exemplifica “vagabundo” e, dessa maneira, critica/denuncia algo da conduta do atual presidente.

Na acepção 5, que corresponde ao enunciado definidor “vagabundo significa acumulador compulsivo”, e na acepção 6, que corresponde ao enunciado definidor “vagabundo, hoje, se tornou sinônimo de bandido, criminoso, delinquente”, lemos tais enunciados deslizando parafrasticamente na acepção 7, como os seguintes enunciados exemplificativos: “Bolsonaro não fez o trabalho dele.”; “Aquele que não trabalha, mas também aquele que rouba, e também [Ø] é o acumulador compulsivo [...], no caso dos apartamentos.” Nos enunciados exemplificativos dos enunciados definidores das acepções 5 e 6, “Bolsonaro”, “aquele que” e “[Ø]” mantêm entre si uma relação anafórica, e, por isso, permitem a interpretação segundo a qual “aquele que é vagabundo porque, ao invés de trabalhar, rouba e acumula compulsivamente” refere-se a “Bolsonaro”, que é, conforme exemplificação constante também da acepção 7, referido como funcionário fantasma do funcionalismo públi-

co porque nunca dá as caras no serviço e, ainda assim, consegue acumular, no próprio bolso, a verba pública.

Os enunciados definidores destacados nas acepções 5 e 6 deslizam para paráfrases exemplificativas, sustentando a atribuição dos sentidos de “bandido, criminoso, delinquente” a “vagabundo[,] Bolsonaro”: “o que todas as denúncias, áudios, investigações parecem indicar é que a família Bolsonaro passou anos cometendo pelo menos dois crimes: primeiro, eles estavam contratando funcionário fantasma; segundo, estavam desviando os salários desses funcionários em um crime popularmente conhecido como ‘rachadinha’, que é um clássico brasileiro [...]. [...] às vezes, para financiar os gastos do partido, às vezes para enfiar no próprio bolso, como parece ser o caso da família <Bolso>.” Esse deslizamento permite ler que aquilo que é dito sobre a família Bolsonaro aplicar-se-ia ao próprio Bolsonaro, dada a relação metonímica entre família Bolsonaro/Bolso e Bolsonaro. Daí a possibilidade de se inferir que Bolsonaro teria cometido os crimes citados na acepção 7, em especial, o crime de guardar dinheiro público no próprio bolso.

Ao longo do vlognário, essa última tese se torna legível também por meio da leitura da composição cênica, reproduzida no recorte 4, que se mostra como regularidade na montagem discursiva do vlognário. A composição é constituída por uma imagem em tela posicionada do lado esquerdo em relação à posição do apresentador-locutor Gregório Duvivier.

Essa imagem à esquerda materializa uma montagem discursiva que coloca a imagem de Bolsonaro sobre um jet ski, que navega sobre um mar de dinheiro. Essa montagem evoca, na relação com o verbete, dizeres como: “seu esquema de vagabundagem” e “dinheiro público”. É por meio dessas relações que a imagem funciona como síntese da crítica/denúncia textualizada no e pelo verbete, síntese indiciada de forma reiterada nos fotogramas que constituem o vlognário, mesmo quando significada como

aparentemente ausente em cena.

Recorte 4



À esquerda, detalhe do fotograma, à direita, este compreendido como regularidade significativa na montagem discursiva do vlognário, no trabalho de definição da palavra-entrada “vagabundo”.

É desse modo que, no e pelo movimento transversal espiralado da significação da sociedade brasileira marcada pelo acontecimento do governo Bolsonaro, podemos ler como entre o *Desbolsonário* e o vlognário estabelece-se um laço significativo a partir da evidência construída sobre o enunciado definidor *Bolsonaro = de bolso (Desbolsonário)*, parafraseado, no vlognário, como *Bolsonaro = aquele que deixa de exercer seu trabalho, para operar um esquema de vagabundagem que consiste em guardar dinheiro público no próprio bolso*. Além disso, o vlognário restitui à leitura a definição segundo a qual *Bolsonaro = vagabundo em todos os sentidos do termo*. Daí a possibilidade de o vlognário (d)enunciar de modo superlativo a seguinte síntese definitiva para o atual presidente: “o maior vagabundo dessa república”.

Filminário... de vida, de bolsa...

Compreendemos o filme *A bolsa ou a vida: qual futuro queremos construir?*¹, do diretor Silvio Tandler (2021), como um filminário, como apontamos anteriormente, já que (re)atualiza um funcionamento característico do instrumento linguístico dicionário/glossário. Para explicitarmos essa compreensão, restituímos ao leitor a especificidade dessa materialidade filmica. Nesta análise, para tanto, recorremos ao recorte 5, disposto logo adiante, constituído por 14 fotogramas, reproduzidos de forma adaptada do filminário e extraídos nos seguintes instantes do filme: 1: 00h01min27seg; 2: 00h01min31seg; 3: 00h01min52seg; 4: 00h01min52seg; 5: 00h01min59seg; 6: 00h02min01seg; 7: 00h02min12seg; 8: 00h02min30seg; 9: 00h02min42seg; 10: 00h02min45seg; 11: 00h02min54seg; 12: 00h03min16seg; 13: 00h03min27seg; e 14: 01h36min32seg.

Ao considerarmos nossa hipótese de trabalho, restituímos outra condição de leitura para a sequência de fotogramas do recorte 5. Dessa maneira, reportamo-nos ao filme lendo em seu movimento de exibição (outros) modos de materialização dos procedimentos próprios ao fazer dicionarístico. Em outras palavras, lemos o filme funcionando, também, ao modo de um dicionário/glossário. Isso é possível porque, ao exhibir-se como filme-manifesto-documentário, essa materialidade discursiva produz como um de seus efeitos possíveis uma definição/descrição para a atual condição político-social-administrativo-militar do/no Brasil. Essa definição/descrição, por sua vez, é apresentada a partir de um questionamento-entrada, que (im)põe ao leitor o enfrentamento de uma disjunção lógica, como se tivesse sendo interrogado por uma espécie de formulação oracular: a bolsa ou a vida (?). Essa disjunção lógica desliza para uma paráfrase que rememora o lema bolsonarista já em outra paráfrase: “a bolsa acima da vida”.

15 O filme pode ser assistido em <https://www.youtube.com/watch?v=N2ERnOk57Z4>.

Recorte 5

1



8



2



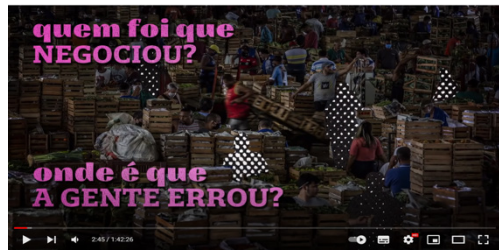
9



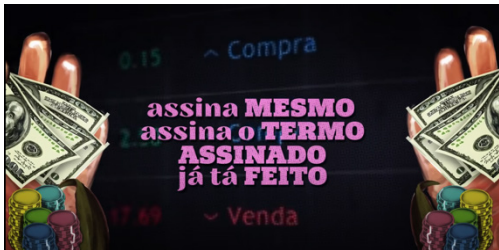
3



10



4



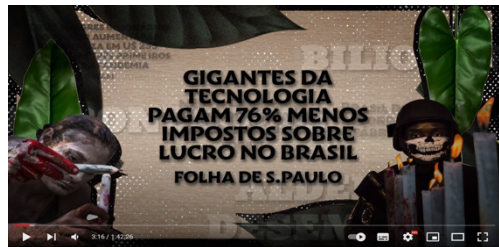
11



5



12

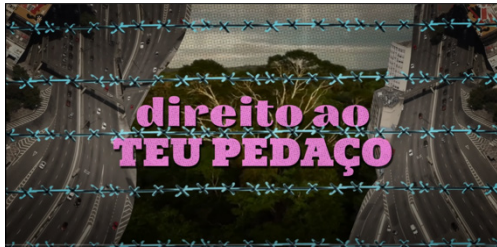


6



13





Se, xrio, consideramos a relação discursiva possível entre “bolsa” e “bolso”, podemos ler a referida disjunção lógica deslizando também para “o bolso acima da vida”. A análise do vlognário restitui a essa paráfrase, ainda, outra condição de deslizamento, na qual é possível ler a deriva “a família bolso acima de tudo”.

Nessa direção, a disjunção lógica a bolsa ou a vida (?), ao (re)atualizar uma disputa de forças/sentidos, (re)inscreve um jogo discursivo entre duas palavras-entradas em concorrência por definição/descrição no filminário: “bolsa” e “vida”. Nessa perspectiva, essa disjunção lógica, ao mesmo tempo em que permite ao leitor fazer sua entrada no filme, como objeto político-simbólico a ser lido, produz, também, o seu deslocamento em relação à forma tradicional de apresentação de um verbete dicionarístico.

Assim como no vlognário, no filminário, a estrutura e o funcionamento de um verbete de dicionário/glossário tradicional que se apresenta escrito e impresso, por exemplo, são (re) produzidos-transformados em função da especificidade da constituição discursiva do filminário no e pelo digital, este aqui compreendido como um modo de produção material das existências, hoje, determinado por um conjunto de condições sócio-históricas e político-ideológicas.

Em nossa leitura, os verbetes são formulados no e pelo filminário, que, dessa maneira, constrói modos de dizer que produzem como efeito certa denúncia, certa crítica, certa ironia sobre a sociedade brasileira atual, em especial, nesse período marcado pelo governo Bolsonaro, o que significa certo acirramento do neoliberalismo e, por conseguinte, do favorecimento do capital em detrimento da vida, em todos os sentidos do termo, poderíamos dizer.



Ao (re)atualizar esse funcionamento, o filminário também (re)atualiza os procedimentos próprios à prática de produção dicionarística para formular a tensão/disputa entre interpretações que colocam em relação os sentidos de “bolsa” e de “vida”. No recorte 5, podemos ler esses procedimentos materializados nos fotogramas da seguinte maneira. O procedimento de seleção é indiciado por meio da seleção das palavras-entradas “bolsa” e “vida” e de suas várias relações parafrásticas que delimitam definições/descrições ao colocarem em jogo diferentes materialidades. No fotograma 1, por exemplo, “bolsa” seleciona o dizer “negociaram teus direitos” e a fotografia de uma roleta de cassino. No fotograma 9, “vida” seleciona o dizer “valor à vida” e imagens de pessoas flagradas em luta pela vida.

O procedimento de indicação sobre as palavras-entradas e suas paráfrases recobre a diversidade da materialidade significativa dos fotogramas, jogando com pré-construídos e articulações que relacionam “bolsa” e “vida”. Esses pré-construídos e articulações se tornam legíveis, por exemplo, no fotograma 13, no qual a indicação indicia uma relação interpretativa, ou seja, textualiza relações de sentidos de modo a direcionar a interpretação. Nesse fotograma, “vida” pode ser interpretada como relação entre vidas; essa interpretação está indiciada na montagem discursiva que coloca, de um lado do fotograma, a imagem de uma indígena com uma criança no colo e outras três crianças experienciando uma relação lúdica, e, do outro lado do fotograma, o efeito decorrente do processo que apaga a vida em detrimento da bolsa, e, pela leitura dos demais fotogramas do recorte, em detrimento do capital, do mercado, dos negócios.

O procedimento de definição: “a política é o comércio”, legível no fotograma 8. O procedimento de exemplificação: os fotogramas 5 e 6 formulam exemplos de como a vida é apagada em detrimento da bolsa; neles a Amazônia aparece loteada como objeto de negociações, o que, por sua vez, fica exemplificado no fotograma 3, que pode significar a vida sendo assassinada pela mentalidade assassina de grandes companhias frias.

O procedimento de remissão a outros verbetes se materializa em diferentes fotogramas: o fotograma 2 remete o leitor ao verbete “negocia/negócio” e ao verbete “companhia/cia”. E o procedimento de indicação de fontes: o fotograma 12 remete o leitor a uma fonte jornalística, no caso a Folha de S. Paulo, “gigantes pagam 76% menos impostos sobre lucro no Brasil”; e o fotograma 2 remete o leitor à bolsa de valores como outra fonte a partir da qual a acepção de “negócio” torna-se legível pela relação com transações financeiras.

Ainda sobre a especificidade da montagem discursiva do recorte 5, observamos que o recorte é constituído por uma ausência-presença significativa: a canção “Negocia” (FERNAUN; BOLZAN, 2020)¹². Os fotogramas de 1 a 13 do recorte são extraídos da parte inicial do filme até o instante 03min34seg. A canção funciona como trilha sonora, ao longo desse percurso fílmico. E mais: comparece nos fotogramas por meio de uma relação interdiscursiva forjando uma interação entre diferentes formas materiais significativas: o leitor-expectador ouve a canção, e também a vê, compondo a montagem discursiva em cada fotograma no referido percurso. Essa relação é indiciada por meio de palavras e expressões, pinçadas da letra da canção, que ganham forma gráfica – em letras cor de rosa, nos fotogramas 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9 e 10 – na forma imagética dominante nesses fotogramas. Nessa forma, a canção funciona como (outra) fonte de palavras, expressões e relações de sentido que

poderiam ser lidas como entradas/verbetes de um dicionário/glossário.

Esse jogo interdiscursivo, legível/visível nos fotogramas do recorte 5, constitui, dessa maneira, o processo de definição/descrição da realidade brasileira atual, no filminário, que oscila na e pela tensão da disjunção lógica – a bolsa ou a vida (?). Trata-se, assim, de uma regularidade que funciona não somente significando (n)esse recorte, mas também indiciando certo funcionamento de um prelúdio, que, por meio de articulações e latitudes discursivas (RODRIGUES; AGUSTINI; BRANCO, 2021), ressoa ao longo de toda a materialidade discursiva do filminário. É por essas articulações e latitudes que os procedimentos próprios à prática de produção dicionarística e, por conseguinte, o funcionamento característico do funcionamento do instrumento linguístico dicionário/glossário são (re)atualizados ao longo de todo o percurso fílmico.

Nossa análise se encerra reiterando ênfase ao movimento da transversalidade espiralada na leitura do fotograma 14, por meio do qual ressoa no filminário o efeito de denúncia/crítica/ironia produzidos no Desbolsonário e no vlog-nário. A análise desses dois objetos restitui a este fotograma certas condições de leitura que fazem ressoar a relação discursiva segundo a qual a palavra “bolsa” puxa a palavra “bolso” que puxa a palavra “Bolsonaro”, que, nesses três objetos, figura como alvo de denúncia/crítica/ironia – tanto a “Bolsonaro” quanto a “bolsonarismo”.

O filme de Silvio Tendler não se refere exclusivamente a Bolsonaro/bolsonarismo, porém, o interpreta, também, como locus príncipe a partir do qual a confusão/pane se instaura no seio da vida social brasileira, especialmente, porque, no filminário, pode-se ler, com base na análise do Desbolsonário, o bolsonarismo definido como “a ideologia comprometida com o acirramento do valor do capital, dos privilégios do mercado” e, por conseguinte, “a ideologia que promove o assassinato/a negociação da vida”. Assim, o fotograma 14, quando lido em

16 A canção pode ser apreciada em <https://www.youtube.com/watch?v=VeAgb8SPtLk>.

relação a “essa ideologia bolsonarista”, indicia a significação da luta que se trava na sociedade brasileira contra o lugar de indignidade/vileza/desumanização no qual a vida é colocada/significada. Por isso, o fotograma (re)produz dizeres que exemplificam um modo de resistir a essa indignidade/vileza/desumanização, materializando uma posição contrária a “tal ideologia”: reivindicam vacina no braço, comida no prato, vacina para todos; reivindicam o fim do genocídio; reivindicam pão, auxílio, vacina, educação; reivindicam #forabolsonaro.

Considerações Finais

O gesto autoral que ressignificou o dicionário/glossário de Luisa S. Buarque de Holanda e Márcia Sá C. Schuback como Desbolsonário mostrou-se uma condição de leitura decisiva para que, em nossas experimentações analíticas, pudéssemos ressignificar o episódio Vagabundo como vlognário e o filme A bolsa ou a vida como filminário. Essa ressignificação passou a descrever como se dá, nesses objetos, a (re)atualização de certo funcionamento característico do instrumento linguístico dicionário/glossário, como havíamos hipotetizado. Essas experimentações analíticas nos mostraram que esse funcionamento restitui a esses objetos, como condição de leitura, algo da opacidade que lhes constitui e que os signfica.

Explicitarmos esse funcionamento e seus efeitos não desopacifica a leitura, porque aquilo que se apresenta à leitura continua sendo linguagem; mas expõe o leitor ao efeito daí decorrente, que explicita como esses objetos encarnam a equivocidade própria à relação entre linguagem, história e sujeito. Esta equivocidade exposta ao leitor por meio dessas experimentações o situam relativamente à abertura do simbólico, logo, à deriva como mo(vi)mento irrevogável à significação: nos três objetos analisados, tal funcionamento sustenta o jogo que apresenta o sentido como aquilo que (não) é – dicionário, #sqn.

É sobre essa equivocidade que os três objetos formulam denúncias, críticas e ironias, colocando em xeque certo movimento que procura historicizar como a sociedade brasileira atual deve/pode ser dita. Ou seja, ao questionarem esse modo de dizer a sociedade, (re)definindo-a, (re)descrevendo-a, ao modo de um dicionário/glossário, os enunciados definidores, ao colocarem em relação de equivalência $x = y$, dissimulam, como efeito, um processo de identificação que jamais será pleno (MARQUES NETO, 2011), ou seja, $x = y, y', y''$... (leia-se: uma dada palavra x equivale a uma palavra y , que equivale a outra palavra y' , que equivale, por sua vez, a outra palavra y'' , e assim por diante). Em outras palavras, essa relação de equivalência dissimula o que é próprio à significação, inclusive no âmbito de um instrumento linguístico, como o dicionário/glossário: uma palavra puxa outra, um sentido puxa outro, isto é, a significação é relação. (Ao retomarmos esse fundamento, lembramos uma imagem posta em sala de aula por Eni Orlandi – podemos pensar os sentidos como bolas de mato seco levadas/trazidas pelo vento nas várias direções possíveis, de modo surpreendente, imprevisível, errante. É nessa direção que podemos pensar o Desbolsonário, o vlognário e o filminário como gestos político-simbólicos que produzem, como efeito, uma escrita que formula outra articulação discursiva que (re)introduz no horizonte o sentido de esperança.)

As denúncias, críticas e ironias formuladas também por meio do funcionamento ao modo do dicionário/glossário indiciam como esses objetos materializam resistência ao status quo, rememorando que não há vida sem luta, como já dizia Gonçalves Dias (1851), “[...] a vida / É luta renhida: / Viver é lutar. / A vida é combate [...]”

Referências bibliográficas

AUROUX, Sylvain. A revolução tecnológica da gramatização. 2ª. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009 [1992].

- AUROUX, Sylvain (Dir.). *Histoire des idées linguistiques: L'hégémonie du comparatisme* [Tome I]. Liege; Bruxelles: Mardaga, 1989.
- AUROUX, Sylvain; MAZIÈRE Francine. Introduction: hyperlangues, modèles de grammatisation, réduction et autonomisation des langues. *Histoire Épistémologie Langage* [numéro thématique: Hyperlangues et fabriques de langues], tome 28, fascicule 2, 7-17, 2006. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/hel_0750-8069_2006_num_28_2_2878. Acesso em 30 de março de 2022.
- BALDAIA, Fabio Peixoto Bastos; ARAÚJO, Tiago Medeiros; ARAÚJO, Sinval Silva de. Bolsonarism and deep Brazil: notes of an ongoing research. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 7, n. 12, p. 116154-116169, dec. 2021. Disponível em: <https://brazilian-journals.com/index.php/BRJD/article/download/41179/pdf>. Acesso em 30 de março de 2022.
- BOITO JR., Armando. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. *Crítica Marxista*, n. 50, p. 111-119, 2020. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie2020_05_26_14_12_19.pdf. Acesso em 30 de março de 2022.
- BRANCO, Luiza K.C. *A língua em além-mar: sentidos à deriva – o discurso da CPLP sobre língua portuguesa*. Tese. Doutorado em Linguística. IEL/Unicamp, Campinas (SP), 2013.
- DIAS, Gonçalves. *Canção do Tamoio*. In: *Últimos cantos. Poesias*. Rio de Janeiro: Tipografia de F. de Paula Brito, 1851.
- FERNAUN; BOLZAN, E. *Negocia* [canção, versão remix de Jhonny Bolzan], 03min45seg, Paris: Believe Music; São Paulo: Mandril Audio, 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=VeAgb8SPrLk>. Acesso em 30 de março de 2022.
- GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni P. Apresentação: identidade linguística. In: GUI-
MARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni (Orgs.). *Língua e cidadania: o português no Brasil*. Campinas: Pontes, 1996. p. 9-15.
- HBO BRASIL. *Vagabundo* [episódio do talk show Greg News; apresentação de Gregório Duvivier, direção de Alessandra Orofino], 30min-29seg, São Paulo, 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=O07KWOI9xIQ>. Acesso em 30 de março de 2022.
- HOLANDA, Luisa S. Buarque de; SCHUBACK, Márcia Sá C. *Desbolsonário de bolso*. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2019. Disponível em: <https://zazie.com.br/wp-content/uploads/2021/05/DESBOLSONARIO-3.pdf>. Acesso em 30 de março de 2022.
- MARQUES NETO, Agostinho R. Os sonhos falam no presente do indicativo. In: MARIANI, B.; MEDEIROS, V.; DELA-SILVA, S. *Discurso, arquivo e...* Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. p. 22-37.
- MAZIÈRE, Francine. A análise do discurso, o político e a língua. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina L. (Orgs.). *Memória e história da/na análise do discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 15-35.
- MAZIÈRE, Francine. O enunciado definidor: discurso e sintaxe. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 2008. p. 47-59.
- MAZIÈRE, Francine; COLLINOT, André. *Un prêt à parler: le dictionnaire*. Paris: PUF, 1997.
- NUNES, José Horta. A invenção do dicionário brasileiro: transferência tecnológica, discurso literário e sociedade. *RAHL*, v. 2, 159-172, 2013. Disponível em: <https://rahl.ar/index.php/rahl/article/view/71/107>. Acesso em 30 de março de 2022.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. Papel da memória. Trad. Bras. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.
- PÊCHEUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento. Trad. brasileira. 2ª. ed. Campinas: Pontes, 1997.
- PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Bras. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- PETRI, Verli; MEDEIROS, Vanise. Da língua partida: nomenclatura, coleção de vocábulos e glossários brasileiros. Letras, Santa Maria, v. 23, n. 46, 43-66, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11725/7156>. Acesso em 30 de março de 2022.
- PODER360. Alguns não querem largar a velha política, diz Bolsonaro..., 23 de março de 2019, Portal Poder360 [Brasil], Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/alguns-nao-querem-largar-a-velha-politica-diz-bolsonaro/>. Acessado em 30 de março de 2022.
- RODRIGUES, Eduardo A.; AGUSTINI, Cármen; BRANCO, Luiza C. O luto como funcionamento de linguagem. Cad. Est. Ling., Campinas, v.63, p. 1-20, e021035, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/download/8665210/27601/113009>. Acesso em março de 2022.
- RODRIGUES, Eduardo A.; AGUSTINI, Cármen; BRANCO, Luiza C.; BARROS, Renata B. Isso é uma gripezinha - O Brasil em diminutivo. Revista da Abralín, v. 19, n. 3, p. 310-330, 2020. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1729/1899>. Acesso em 30 de março de 2022.
- SILVA SOBRINHO, José Simão da. Museu da Língua Portuguesa - instrumento linguístico em tempos da ideologia do lazer. Letras, Santa Maria, v. 23, n. 46, 307-315, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11736/7166>. Acesso em 30 de março de 2022.
- TENDLER, Silvio. A bolsa ou a vida: qual futuro queremos construir?, 01h42min26seg, Rio de Janeiro, Caliban, 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=N2ERnOk57Z4>. Acesso em 30 de março de 2022.
- Submissão: abril de 2022.**
Aceite: junho de 2022.